

II JORNADAS DE TIMOR DA UP

Intervenção a apresentar na sessão de abertura

A atitude da comunidade internacional relativamente a Timor-Leste resume-se, frequentemente, a uma palavra: hipocrisia.

Timor-Leste tem pesado pouco na balança das relações internacionais. Excepção feita às posições assumidas pela CEE e pelos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. O direito do povo maubere à auto-determinação e independência tem sido defendido pelos PALOPS em várias reuniões internacionais, nomeadamente nos encontros do Movimento dos Não Alinhados, organização a que pertence a Indonésia. A Comunidade Europeia, por seu lado, condenou por diversas vezes a violação dos direitos humanos em Timor.

Uma referência ainda para as resoluções aprovadas pelas Nações Unidas. Elas tiveram, pelo menos, o mérito de relembrar à opinião pública o drama timorense.

O esquecimento da situação dramática que se vive em Timor tem, por vezes, sido justificado por razões estratégicas de segurança internacional ou de compromissos diplomáticos. Veja-se o exemplo da Austrália, a quem o acordo para a exploração do petróleo timorense fez "adormecer" a consciência e considerar Timor-Leste como a 27ª província indonésia. Veja-se o exemplo dos Estados Unidos, que autorizaram tácitamente a invasão indonésia e reconhecem a anexação do território timorense.

A Indonésia aposta muitos trunfos neste "jogo diplomático": é uma potência militar da ASEAN, é um país importante dentro do Movimento dos Não Alinhados e é ainda uma das florescentes potências económicas da sua região.

Mas os indonésios "jogam com cartas marcadas" e, apesar de todos os trunfos, Timor é um "calcanhar de Aquiles" da política externa de Djakarta.

E uma vez que a comunidade internacional se mostra pouco sensível e sem grandes problemas de consciência face a 200.000 mortos e a quase 15 anos de violações dos direitos humanos, cabe à comunicação social exercer o seu papel de contra-poder mobilizador da opinião pública.

Penso que, cada vez mais, a imprensa se afirma como um vector decisivo na luta pela independência do povo maubere.

O pior que poderia acontecer ao povo timorense seria a sua luta cair no esquecimento. E é aqui que a comunicação social desempenha um papel importante. Ao informar, a imprensa está a intervir activamente na resolução do conflito timorense. Cabe à comunicação social ser uma janela bastante indiscreta virada para Timor e para as capitais onde se joga o futuro do povo maubere.

No que diz respeito à imprensa portuguesa, depois de alguns anos de esquecimento e até de alguma contra-informação proveniente da Indonésia, a situação está hoje completamente alterada. A visita do Papa João Paulo II a Timor, o acordo entre Djakarta e Sidney para a exploração de petróleo no Timor GAP e ainda as negociações para a visita de uma delegação portuguesa a Timor vieram despertar as atenções da imprensa.

A possível visita da delegação portuguesa a território timorense vem atribuir à comunicação social uma tarefa importante. Penso que é necessário prevêr a possibilidade de os indonésios montarem um cenário para esta visita. Um cenário "para portugueses ver", com dois objectivos: esconder os protestos e o descontentamento da população, exagerando a importância dos investimentos feitos no território durante os últimos 15 anos. Quinze anos de genocídio e sangrenta ocupação militar.

Cabe aos jornalistas que acompanharem os deputados a tarefa de desmontar esse cenário e saber apreciar a situação sem ingenuidades. Ingenuidades que podem ser fatais para a luta timorense. Cabe aos jornalistas escutar e dar voz ao povo maubere. Por isso, penso que os deputados portugueses não devem abdicar de um encontro com o líder da guerrilha, Xanana Gusmão, e com aqueles que resistem à ocupação indonésia.

É necessário saber escutar e dar voz ao povo timorense. Parece-me importante não esquecer as seguintes declarações de Monsenhor Martinho da Costa Lopes e de Moisés do Amaral:

"Timor até pode estar mais desenvolvido, mas os timorenses não querem viver numa gaiola dourada."

"Timor é uma prisão de onde só se consegue sair morto."

Manuel Acácio